

SILVETTY MONTILLA

assessoria@dicomedyonline.com.br

 : *@silvetymontilla*

Ator transformista, comediante, LGBT+ e *Drag Queen*.



FOTO: Divulgação

ENTREVISTA COM SILVETTY MONTILLA

SILVETTY MONTILLA'S INTERVIEW

ENTREVISTA A SILVETTY MONTILLA

Silvetty Montilla, gentilmente aceitou conceder a presente entrevista para esse volume temático da Revista Pathos, que versa sobre o universo LGBTQIA+. Vale ressaltar que em função do momento pandêmico do COVI-19, os protocolos de segurança foram respeitados, como testagens de PCR e distanciamento de 1,5 metro.

Nossa escolha por Silvetty Montilla para compor a capa desse volume temático, bem como por ter sido a escolhida para ser a pessoa entrevistada, ocorreu em função de sua importante representatividade LGBTQIA+. Seu jeito descontraído, simples, debochado, engraçado e por vezes provocativo, é um dado relevante em sua trajetória de vida, marcada por conquistas e importantíssimos encontros humanos. Silvetty ou Silvio, se identifica como Ele ou Ela, ofertando para a equipe da Pathos liberdade em transitar na designação de gênero a seu respeito.

A atualidade da figura de Silvetty, sua disponibilidade enquanto pessoa e artista, sua simplicidade, generosidade e espírito democrático, permite encantar e envolver diversos públicos, de diferentes faixas etárias, classes socioeconômicas, regionalidades, orientações sexuais e gênero. Talvez, alguns questionariam, após tantos novos nomes na cena LGBTQIA+, por que Silvetty?

A resposta poderia ser simples, mas infelizmente não é. Com a chegada e a popularização da internet, os fenômenos e o acesso a informação tendem a ocorrer de forma rápida, o que por um lado positivo traria um alcance mais amplo e acessível à população acerca dos fatos. Por outro lado, a rapidez e a velocidade do consumo de tais informações popularizadas pela internet, poderiam tornar o fenômeno vivido como algo superficial, raso e mais desenraizado em relação ao reconhecimento da importância da história. O que queremos enfatizar é que se por um lado os novos fenômenos da internet conquistam os espaços, ofertam vozes, por outro lado tal fenômeno corre o risco de também coisificar e descartar tanto os novos talentos como os precursores.

Como exemplo, na última parada do orgulho LGBTQIA+ da cidade de São Paulo, datada no ano 2020, evento reconhecido como uma das maiores paradas do orgulho LGBTQIA+ do mundo, alguns nomes importantíssimos da cena, dentre eles Silvetty Montilla, foram deixados de lado pelos organizadores do evento.

O fato citado gera questionamentos e incômodos em parte do universo LGBTQIA+, por ser Silvetty Montilla um ícone da Parada do Orgulho, sendo a apresentadora oficial do evento durante 16 anos. Sua importância, biografia e reconhecimento é muito bem explicitada em seu livro intitulado: *“Silvetty Montilla, 30 anos – É o que tem pra hoje !!! A trajetória do maior transformista do Brasil”* (GAMBA, 2017), em que depoimentos de pessoas do meio artístico e da cena LGBTQIA+ apontam a relevância de Silvetty, como por exemplo:

Thiago Abravanel *“Falar de Silvetty é falar de alegria, é falar de determinação, é falar de força, uma pessoa com um coração gigante e com uma qualidade para dissertar através da alegria que só ela é capaz de fazer...”* (pág.10),

Nany People *“Silvetty é uma dos maiores talentos que já vi em um palco... eu diria que é uma encantadora de plateias. Não tem ninguém que não seja contaminado e arrebatado pelo talento e pelo carisma de Silvetty”* (pág 11),

Miguel Falabella *“Silvetty Montilla resgata com imenso talento a tradição do teatro de revista. Seus números de interação com a plateia são memoráveis. Tive a oportunidade de assistir a alguns grandes momentos dessa performer que, sem dúvida alguma, com um perfeito tempo de comédia, busca as raízes do nosso genuíno teatro popular...”* (pág. 11).

Tal história marca uma época, um tempo, a conquista de espaços de fala e representatividade. Será que isso poderia algum dia se perder? Acreditamos que não! Contudo a velocidade das informações e o consumo frenético das mesmas, vivida hoje na contemporaneidade, poderia levar a perdas significativas acerca de senso de pertencimento e reconhecimento de pilares fundantes de nossas histórias.

Para Bauman (2001) a ferramenta de dominação atual seria a velocidade, o acesso às formas rápidas de movimento e fenômeno. Vivemos hoje um imperativo social que quase nos obriga a mudar constantemente, perdendo por vezes a capacidade de validar nossa trajetória, existência, justiça e reconhecimento de que nada se inicia no aqui e agora, de que tudo pressupõe uma história, um caminho. Silvetty, como tantos outros nomes relevantes, marcam essa história LGBTQIA+ na cidade de São Paulo e no Brasil, ao iniciarem esse caminho para nós. Hoje a efetivação e possibilidade simbólica do lançamento do presente volume temático é graças também a pessoas como Silvetty Motilla, que deram a cara, o corpo e a alma, nos permitindo na atualidade, ser e existir. Assim, com muito orgulho, honra e satisfação, agradecemos a Silvetty por tal oferta de nos abrihantiar com um pouco de sua relevante história.

A entrevista foi realizada na casa do editor-chefe da Revista Pathos, como preferiu a própria Silvetty. O encontro foi regado com muita alegria, descontração, como também preocupações e inquietações com cenário atual, principalmente envolvendo o meio artístico, uma das áreas mais afetadas pela pandemia do COVID-19.

No dia 15 de abril de 2021, após um gostoso e agradável jantar, demos início a entrevista com a primeira pergunta:

Ricardo - *Como foi para você Silvetty se reconhecer como uma pessoa LGBTQ+?*

Silvetty – *Então, eu acho que fui até bem tardinho. Porque hoje em dia você vê assim, digo, mais para o centro de São Paulo, nas grandes capitais, você vê aquela meninada de catorze - quinze anos e no meu tempo não, era bem mais difícil, não se tinha o que tem hoje, eu comecei a sair com dezoito, dezessete para dezoito anos. Eu, desde quando me conheço por gente, na minha adolescência, eu já sabia quem eu era, o que eu queria ser, minha orientação, mas eu comecei a sair muito tarde, frequentar, conhecer mesmo, entendeu?*

Ricardo – *Pensando na infância e na adolescência, quais foram os principais desafios que você enfrentou nessa época envolvendo as questões de gênero e orientação sexual?*

Silvetty – *Eu acho que eu sempre me reconheci no gênero feminino, mesmo sabendo que eu era um homem, tendo que ser um homem “cis”, entendeu? Hoje em dia que está tudo muito mais amplo, naquela época a gente não tinha muitas informações, o que tornava a situação muito mais difícil.*



Ricardo e Silvio na informalidade da entrevista. Foto: Arquivo pessoal.

Ricardo – Quando você fala que hoje o acesso a informação é mais amplo, podemos pensar, pelo que você está trazendo, que o direito a informação e a amplitude de conteúdo faz toda diferença? Que a possibilidade de entender melhor as coisas dentro de uma perspectiva mais democratizada nos ofertaria uma maior possibilidade de sermos quem somos?

Silvetty – Sim, com certeza, antes o acesso a informação era muito escasso, muito diferente de hoje. Não tínhamos tanta possibilidade de ser no mundo. Antes, por exemplo, só poderíamos ser GLS (gays, lésbicas ou simpatizantes). Hoje temos muitas possibilidades, são muitas novidades, né? (risos) Cada dia surge uma letra, cada dia surge um significado, que, às vezes é até engraçado, que as pessoas acham que a gente, por ser do meio tem que saber tudo, mas eu não tenho que saber tudo, isso mostra a infinidade de possibilidades de existência. Embora haja ainda muita violência, muita morte de LGBT, hoje é mais possível ser o que quisermos ser. Eu tento ler, tento ver as coisas, me antenar, mas eu, desde pequeno, hoje estou com 34 anos de idade, quase 54 de idade, naquela época, bem atrás, eu sou de 67, então dos anos 80 – 90 era tudo muito mais difícil, hoje nós estamos em tudo. Em casas de família, fazendo festas, fazendo eventos, que, na época que eu comecei não tinha nada disso.

Ricardo – Considerando essas diferenças que você reconhece acerca da gerações, teve algum desafio na sua história, nessa época? Alguma situação que você lembra que marcou sua infância ou sua adolescência em relação às questões que envolvem o meio LGBT?

Silvetty – Não, infância não, porque é que nem eu falei, eu fui meio tardio. Eu comecei a sair para a cena LGBT, cena gay, nessa época de dezessete para dezoito anos. Então informação quando eu era mais novo, quando eu era criança, não tinha, porque é como eu te falei, não tinha internet, mesmo na televisão era muito difícil você ver isso, a gente via naquele programa do Sílvio Santos. Antes do Sílvio Santos teve o Bolinha, que era o quadro de transformista. O do Bolinha era o “Eles e Elas”, o quadro de transformista era do Sílvio Santos, então a informação era muito pouca para a gente naquela época.

Ricardo – Podemos pensar que tais programas foram uma referência para você de alguma maneira? Seria correto afirmar isso?

Silvetty – Sim, com certeza, muito! Eu lembro que eu sempre soube que eu era gay, desde pequeno, só que essas oportunidades que a gente via na televisão, eram poucas, era aquela televisão de seletor que a gente assistia na sala, era uma televisão por família e olhe lá. Quando eu estava vendo esses programas, aí o pai chegava, aí você corria lá e as vezes tinha que trocar de canal, não tinha controle remoto, era seletor, você tinha que ir lá trocar de canal. Não havia essa possibilidade de ser natural, que é o correto, era algo do proibido as vezes. Sou grata por essa época, mesmo não tendo tanta informação, são muitas referências, e referência boas, que eu vi muita gente que eu nunca imaginei. Eu dou exemplo a Marcinha do Corinto. Eu a via muito, tipo “Divina Loma”, eu a vi nos programas de “Show de Calouros” do Sílvio Santos, falei: gente! Eu nunca imaginava fazer o que elas faziam, mas eu achava lindo aquilo, achava maravilhoso e, hoje em dia eu posso dizer que eu sou amigo da Marcinha, que eu sou amigo da Loma, eu faço parte delas e hoje. Tenho muito orgulho, quando paro e penso, que eu comecei com essas referências dessas pessoas e desses programas de TV e estou aqui até hoje. São 34 anos trabalhados, infelizmente alguns não tiveram oportunidade e teve algumas que trabalharam dois anos, por exemplo e depois pararam, voltaram, pararam. Eu não, contínuo!

Ricardo – Isso é interessante, você traz Silvetty que você tinha uma admiração, tinha um encantamento, mas que você não se via ocupando um lugar parecido, que não se via naquele lugar, como foi isso?

Silvetty – Mesmo admirando e achando tudo aquilo lindo, nunca imaginei que estaria lá, porque na verdade eu comecei participando de concurso de “Miss Gay”. Concorrendo, eu fui Miss Primavera. Concorrendo e ganhando. Eu ganhei Miss Primavera, Miss Brasil, Miss Cidade, Rainha do Carnaval, Miss Universo. Então depois, eu comecei a apresentar os concursos. Foram épocas muito boas, nem todo mundo sabe dessa história, de como eu comecei, em quem me inspirei sem mesmo saber, olha o quanto é importante ter essa representatividade né! É que nem eu falo, todo mundo tem a sua época, todo mundo vai viver o seu tempo.

Eu digo que a época que eu vivi foi uma época muito boa nesse sentido, muitas conquistas dentro do meio LGBTQIA+. Eu acho difícil, os artistas que estão vindo agora, viverem tudo o que nós vivemos lá atrás, sabe? Não é menosprezando, não! Elas vão ter a época delas, que vai ser e já está sendo maravilhosa também, e que depois são elas que vão estar aqui também falando da época que elas viveram. Eu espero isso, que marquem uma história e que não seja passageiro, são referências importantes, como eu tive as minhas também.

Ricardo – *Ainda olhando para trás Silvetty, o que você acha que foi uma situação que você precisou vencer, dentro da carreira, um desafio que você passou, agora a gente está passando por uma grande pandemia, mas, antes da pandemia, o que você precisou enfrentar, o que você precisou vencer?*

Silvetty – *Olha, eu acho que o principal é o preconceito, sempre, é o principal desafio, infelizmente... e até mesmo o preconceito entre nós mesmos, sabe? Porque tem aquela coisa: o Gay não gosta da Trava, a Trava não gosta da Lésbica, a Lésbica não do Bi, entendeu? Nós mesmos nos enfraquecemos, o que é muito triste. Eu acho que o preconceito começa no nosso meio mesmo, isso precisaria deixar de existir para nos fortalecermos. Graças à Deus eu sempre soube andar por todos esses caminhos.*

Ricardo – *Você disse que são quase 34 anos de noite, ininterruptos, você nunca parou nesse tempo todo. Como está sendo agora com essa pandemia?*

Silvetty - *Então nós estamos tendo que nos reinventar, tentando tirar leite de pedra para tentar sobreviver e continuar, para quando voltar, a gente não sabe como vai voltar, se vai voltar melhor, pior, vai ser uma nova era... É muito complicado tudo isso que nós estamos vivendo hoje. E pandemia para mim é, lógico que teve o lado ruim, muito ruim, que foi a perda de amigos, a perda de pessoas que você está próximo, que você não consegue nem fazer uma despedida, é, mas também teve o lado bom, porque eu tive muitas pessoas que eu nunca imaginava, que se tornaram grandes amigos e também pude ver pessoas que eu pensava que eram amigos, que não, que só eram, estavam do seu lado enquanto você estava bem, entendeu? Então teve esse lado que a gente põe meio na balança para ver o que dá para salvar e o que não dá.*

Ricardo - *A pandemia teve também um efeito revelador então?*

Silvetty – *Tenho certeza. Eu acredito que sim. Tudo isso que estamos passando é muito violento, ninguém imaginava que passaríamos um dia por isso...*

Ricardo – *Achei interessante Silvetty a palavra que você utilizou para representar esse momento, você falou de violência, a pandemia como um representante da violência. Nesse sentido você, ao longo da tua vida, viveu algum episódio mais marcante de LGBTfobia, alguma situação de violência?*

Silvetty – *Olha, não, graças à Deus, a gente vê tanto as pessoas falarem, né? Transfobia, LGBfobia, Gayfobia, eu, assim, é muita coisa, eu por tanto tempo trabalhando na noite, há quase 34 anos, eu nunca passei por uma situação de violência explícita. Vou dizer, teve um caso que aconteceu uma vez, que alí na Vieira de Carvalho, um dos lugares de São Paulo mais LGBTQ+ que existe, que é uma rua que vive gay a dar com pau (risos), tinha uma padaria, e eu estava lá uma vez, estava com um amigo, dentro dessa padaria, conversando com um amigo meu de Araraquara e tal, aí nisso entrou uma pessoa e me deu um beijo, um selinho, pronto, nossa! A gerente, ou a dona, não sei direito, deu um escândalo: “falou aqui dentro não”. Eu fiquei sem saber o que falar. E olha que eu não sou nova, trabalho esse tempo todo na noite, e não soube o que dizer.*

Ricardo – *Isso há quanto tempo atrás, mais ou menos?*

Silvetty – *Uns dez anos, dez – doze, mais ou menos. Alí já era sabe, Vieira de Carvalho, Centro de São Paulo, alí a maioria dos frequentadores dela, com certeza é da cena LGBTQ+ e eu fiquei sem saber o que falar, meu amigo falou, não, você não pode ficar quieta, você tem que processar, aí eu fui lá, paguei a minha conta, e foi isso. (pausa) Nisso, na mesma noite, alguém ficou sabendo, eu estava fazendo um show no “Bar Queen” e teve um advogado que queria processar a padaria, na época eu disse não gente, deixa pra lá, não processei. Depois fiquei pensando se isso ocorreu comigo, imagina o quanto disso não ocorria com os outros LGBTQIA+. Tem tantas coisas que a gente vê por aí acontecendo, mas graças à Deus, eu nunca passei por outras questões de violência, ao menos explícitas, hoje em dia temos mais informação, denúncias, vídeos, mas também temos mais violência, ataques e mortes.*

Ricardo - *Você poderia falar mais um pouquinho sobre essa questão em relação às diferenças, do antes e do agora? O quê que você acha que marca essa diferença? Você falou um pouco da questão do acesso a informação, visibilidade, da internet..*

Silvetty – *Da visibilidade, da internet, eu acredito muito nisso, nós tivemos muitos artistas que passaram pela nossa cena, que ainda hoje estão como eu, como muitos que já desapareceram, já pararam, já mudaram de país, então eu digo que a internet trouxe essa visibilidade muito maior, que nem eu falo que hoje em dia nós estamos na TV, no cinema, no teatro, na casa de famílias, em eventos, que é uma época a qual eu vivi lá atrás e que não tinha nada disso, era muito mais difícil você conseguir chegar num lugar assim, não é que nem hoje. A gente não pode deixar de falar, que é o nosso nome maior nessa cena atual “Drag Queen”, que é a Pablo Vittar, ela abriu, sabe, deu oportunidade de colocar o nome fora do Brasil, entre ela vieram algumas que vêm nesse estilo dela, Drag cantora, eu acho isso muito legal, só que na nossa época, eu e algumas amigas, que somos dessa época mais antiga, a gente não teve essa oportunidade. Era mais obscuro, gueto, mas tivemos também muita visibilidade dentro do universo LGBTQ+, porque naquela época nós tínhamos muito mais casas noturnas LGBTQ+. Hoje dá para contar nos dedos quantas casas têm. De show de Drag e ator transformista, que oferta essa oportunidade de trabalho e visibilidade temos apenas algumas casas noturnas como “Túnel”, “Danger”, “Blue Space” e foi, só. E São Paulo já foi a capital que mais teve casas gay, no Brasil todo, até mesmo fora do Brasil. Isso está mudando, diminuiu muito, amplia de um lado e diminui do outro, infelizmente nem todos terão oportunidades.*

Ricardo – *Pensando nessa trajetória, você conseguiu se manter 34 anos ininterruptos, diretos, e sem o auxílio, em boa parte deles, da internet. A quem você atribui a sua permanência, sendo hoje considerado para boa parte do público LGBTQ+ um ícone, conquistando respeito e visibilidade; a quem você atribui esse seu sucesso uma vez que você não tinha o principal recurso que hoje, os demais artistas têm, que é a ferramenta da internet?*

Silvetty – *Eu atribuo à força de vontade de fazer o que eu amo, que eu sempre corri muito atrás, a oportunidade, lógico que eu tenho o meu talento, mas tiveram muitas pessoas atrás de mim, tiveram muitas casas, muitas oportunidades que eu tive, entendeu? Sou muito grata a todos eles. Então eu acho que uma é a persistência, querer estar sempre fazendo aquilo que você gosta, eu sempre corri muito atrás, eu sempre fui uma pessoa de nunca querer ser de um lugar só, eu sempre quis estar em todos os lugares, em todos os momentos, eu não quis ficar fechado, tipo assim, vamos comparar a televisão... Você é da Globo, você é da Band, sei lá, eu queria estar em tudo, na Globo, na Record, na Bandeirantes, no SBT, e eu sempre corri muito atrás dos meus sonhos.*

Ricardo – *Você atribui as suas conquistas então a algumas pessoas, casas noturnas, e a sua própria persistência e força de vontade, correto? O que você acha que seria se não tivesse nada disso? Teria algum espaço, apoio, auxílio?*

Silvetty – *Sim, exatamente, sou grata por tudo isso, por todo esse apoio e reconhecimento minha persistência também, infelizmente por vários motivos nem todos tiveram isso, seja por não terem apoio, direitos garantidos para trabalhar com o que gostam, seja por problemas pessoais, é uma área muito difícil a artística, ainda mais na cena LGBTQ+, como eu te disse as oportunidades aparecem de um lado, e somem de outro.*

Ricardo – *Você disse também que parte do que você conquistou se deve ao fato de ser e de ter se mantido com uma presença e uma postura bem democrática, no sentido de diversidade de atuações e públicos, de não estar fechada. Pensando nesse alcance que você teve e tem, o reconhecimento que você já tem do público LGBTQ+, você já recebeu retornos e devolutivas de gays, de trans, LGBTQs em geral, acerca do teu impacto na vida dessas pessoas, tanto das antigas gerações, como das novas gerações?*

Silvetty – *Hoje eu digo que sim, sabe, porque eu quando eu comecei eu sempre trabalhei para todos os públicos, daquele adolescente que nem eu te falei que hoje em dia você vê numa Vieira de Carvalho, molecada nova, então eu sempre atingi do adolescente, o jovem, assim como o da meia idade, porque assim, pessoas que frequentaram a Blue Space, que naquela época tinha 25, hoje estão com 50, 50 e pouco e eu posso dizer, que se eu parasse hoje, meu nome ia ficar marcado de alguma forma. Assim como foi importante eu ter as minhas inspirações e referências, sei que sou também para alguns. Muitos me encontram e dizem que entenderam que ser gay, por exemplo, era legal.*

Que poderia ser divertido, engraçado e possível. Não era só violência. E tem outra coisa, a cena é uma cena que, você sabe, para o gay, ou você é bom ou você é bom, é um povo muito exigente, então eu fico muito feliz de poder fazer o que eu amo, ganhar daquilo que eu amo, ainda mais que hoje em dia nós estamos nessa pandemia, está muito difícil para a nossa classe, mas não vou perder a esperança. Eu não sei como vai voltar, se vai voltar melhor, pior, mas eu vivo da arte, eu amo a arte, é o que eu gosto e o que eu sei fazer. Eu sempre falo que eu sou meu próprio espelho, e quem me ajuda a construir esse espelho é o meu público, sou muito grata.

Ricardo – *Pensando num dos movimentos de conquistas e garantia de direitos LGBTQIA+, temos sem sombra de dúvida o marco que é importância das Parada do Orgulho LGBT+ ao longo da história, desde as primeiras nos EUA no final da década de 60, início da década de 70 até os dias atuais, e que ocorrem por todo o mundo, em boa parte das cidades do mundo. Você que ficou à frente desse evento durante tanto tempo, o que você pensa da parada do orgulho e o que você poderia dizer sobre isso?*

Silvetty – *Uma análise assim muito rápida. Eu fiquei à frente da parada acho que dezesseis anos, foi maravilhoso, foi naquela época que a gente poderia ir a uma parada, se divertir, e claro, o mais importante, cobrar os nossos direitos, a gente descia da Paulista até a Consolação. Hoje em dia eu não faço mais parte, até vou, mas não sou mais apresentadora, respeito quem tá lá, tudo é um ciclo. Acho que o meu ciclo fechou e vêm coisas novas e a gente tem que dar continuidade, só que algumas pessoas falam que durante algum tempo nós fomos a maior parada do mundo, eu não sei se ainda continua. Entraram, hoje, muitas empresas, pessoas que põem dinheiro alí, que fazem a coisa acontecer, mas na questão de direito ainda falta muito, eu, esse ano passado, 2020, teve essa Parada Online, e eu não participei, não me chamaram. Eu recebi uma mensagem de um amigo que faz uma Parada em Los Angeles e em Nova Iorque, e ele disse: Silvetty, como a diferença é tão grande aqui, no primeiro carro, no primeiro trio que sai abrindo as paradas do Orgulho LGBT+ são daquelas pessoas que foram as fundadoras lá do Bar do Stone Wall em NYC, entendeu? Ele fala, que quem sobreviveu a essa época, que tá vivo, vai alí naquele primeiro carro, para mostrar para todos a importância da história, de quem abriu as portas e lutou por todos nós. Eu estou desde a primeira parada, e infelizmente aqui eles não dão tanto valor para isso, para a história, eu, que fui a primeira apresentadora, aquelas Drags que estiveram no começo, aquele primeiro presidente, aquelas pessoas que abriram tudo isso. Porque sempre tem alguém que começou tudo isso. Eles não valorizam, você entendeu?*

Ricardo – *Em um trecho do seu livro você diz que: “Que as novas gerações reflitam sobre, é importante saber que não somos minoria. Temos muito mais força do que imagina a bancada da bala ou a cristã que estão presentes nas instituições governamentais” você está falando de reconhecimento, de história, de respeito, até mesmo como perpetuação de força e garantia de direitos?*

Silvetty – *Sim, exato, precisa, para as pessoas saberem. Como a gente sabe que hoje em dia, na Parada aqui de São Paulo, tem muita gente que vai, vai para o Oba Oba, para o Carnaval, porque vai dançar, vai beber, vai transar, simplesmente vai. Agora se você pega um, ah, qual é o tema da Parada de hoje? Nem sei o que é isso, parte das pessoas não estão conectadas com isso, com o real propósito, entendeu? Lá fora, em algumas paradas as pessoas vão com cartazes, vão com faixas, você vê as alas de pessoas militando por uma causa sem serem necessariamente LGBT, tem apoio dos grupo dos guardas, das enfermeiras, dos demais profissionais, como um desfile em que todos da sociedade de diferentes setores lutam junto conosco, aqui é diferente, a polícia está lá somente para evitar “confusão” e não para nos apoiar. Aqui não tem isso, muita gente não reivindica nada, não estou menosprezando porque eu fiz parte disso tudo também, mas acho que precisava ter mais militância, sabe, que as pessoas soubessem o que está falando, qual é o tema da parada naquele ano. Não que não possa ser alegre, ter música e ser uma festa, tudo bem, mas as vezes fica a folia pela folia e acaba que, como algumas pessoas dizem, que é um carnaval fora de época e os direitos dos LGBT mesmo as vezes ficam de lado...*

Ricardo – *Já estamos chegando mais para o final da entrevista e eu gostaria que você falasse um pouco como é ser hoje um artista LGBT em tempos de pandemia?*

Silvetty – *Muito difícil, muito, é, nós temos muitos artistas na cena LGBT aqui em São Paulo, que com essa pandemia hoje estão passando muitas dificuldades e, a gente tenta, a gente corre para tentar ajudar, mas a gente não consegue abraçar todo mundo, então não sabe o que vai acontecer, como vai ser, já estava difícil antes da pandemia, agora com essa pandemia você está um ano e quase dois meses sem trabalhar, sem fazer nada, eu fico pensando naquelas que só viviam da arte, tipo, da arte da casa gay, da sauna, da boate, que não tinham outra profissão, não tinham aberto o leque. É muito difícil, a gente, eu falo que independente da sua crença, as pessoas têm que rezar muito, pedir muito, pra ver onde a gente vai parar. Só Deus, pois garantia de direitos, sejam eles humanos, econômicos, de assistência e apoio não se tem. Não sei, se vai ser um novo diferente, se vai ser tudo igual, se as pessoas aprenderam ou não... Não sei! Às vezes essa é uma pergunta que fica para mim mesma, eu me faço ela todos os dias, como vão ficar as coisas?*

Ricardo – *E quando você se faz essa pergunta, você encontra alguma resposta?*

Silvetty – *Não encontro uma resposta.*

Ricardo – *E para finalizar Silvetty, teria mais alguma coisa que você acha importante, algum recado que você gostaria de deixar?*

Silvetty – *Eu escorregar num Shopping para pedir indenização (risos) Eu sou uma pessoa que vivo da minha arte, gostaria que tudo voltasse e eu continuasse a trabalhar muito, não só eu, mas todas as amigas, como todo mundo, porque a gente está vendo, com essa pandemia, muitas pessoas que estão ficando dentro da sua casa, depressivas, porque tem muita gente passando fome, tem gente ficando sem emprego, você vê hoje milhões de pessoas nas ruas, ou sem ter o que comer dentro de casa, eu não sei onde que vai dar tudo isso... E a gente está, eu vejo, assim, as minhas amigas, eu dou, aplaudo elas, tem umas que são batalhadoras, vivem fazendo live, todo final de semana, tem umas todos os dias, fazendo rifa, correndo atrás, porque as pessoas precisam sobreviver, entendeu? Então a gente tem que tentar de alguma maneira. A gente não sabe se isso vai para mais três meses, pra um mês, pra mais um ano... Tá muito difícil, tá muito difícil. Da gente não saber o que pensar, o que vai acontecer no outro dia. Só quero voltar a fazer o que melhor sei, promover o riso, poder dar risada acho que é um sinal de saúde, e nesses últimos tempo não tenho podido muito fazer isso pelas pessoas.*

Ricardo – *Eu acho que você toca em alguns pontos Silvetty que conversam muito com a proposta de nossa revista, que é falar de garantia de direitos, desigualdade social e saúde mental, e dessa forma, acredito que sua fala representa a importância da cultura e da arte na vida das pessoas, o quanto tudo isso deveria ser uma garantia enquanto política pública, enquanto profilaxia de saúde e bem-estar social.*

Silvetty – *Sim, seria ótimo esse olhar de cuidado e de direito para todos, infelizmente tem muitas pessoas passando por tudo isso. Cara, tá tão difícil tudo porque, quando você se pega sozinho dentro da sua casa, que você fica lá sozinho, que a gente sabe que tem que ficar em casa mesmo, tem que usar máscara, álcool em gel, mas a gente não vê a hora disso acabar, da gente voltar a ser o que a gente era, então, a gente às vezes fica pondo um monte de coisas na cabeça, você deita sua cabeça no travesseiro e não consegue dormir, porque você começa a pensar num monte de coisas. O que a gente pede é essa vacina, para que todo mundo possa tomar e a gente ver no que vai dar tudo isso. É só uma questão de direito, parece simples, deveria ser, mas infelizmente não é.*

Ricardo - *Muito obrigado, queria te agradecer muito, muito mesmo, acho que vai muito rico e vai fazer muita companhia para muita gente.*

Silvetty – *Muito Obrigado pela oportunidade, espaço de fala e pelo delicioso convite.*

Ricardo – *Imagina Silvetty, nós da Revista Pathos é que te que agradecemos pela sua disponibilidade, generosidade, pelo seu tempo e por suas palavras, mais uma vez, muito obrigado.*

REFERÊNCIAS

Gamba, R. (2017) *Silvetty Montilla, 30 anos – É o que tem pra hoje !!! A trajetória do maior transformista do Brasil*. São Paulo: Giostri.

COMO CITAR ESTE TEXTO

Rentes, R. (2021). Entrevista com Silvetty Montilla. *Pathos: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia*, v. 07, n. 01, 107-120.

RECEBIDO EM: 15/04/2021

APROVADO EM: 02/05/2021